

LIÇÃO 5 - Uma Substância Imóvel e Eterna Deve Existir

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 6: 1071b 3-1071b 22

“ 1055. Visto que existem três classes de substância (1028), duas das quais são físicas e uma imóvel, a respeito desta última é necessário afirmar que uma substância imóvel e eterna deve existir. Pois as substâncias são o tipo primário de seres, e se todas elas são perecíveis, todas as coisas são perecíveis. Mas é impossível que o movimento tenha vindo a ser ou que pereça, pois ele sempre existiu; e o mesmo é verdade quanto ao tempo, pois não pode haver um antes e um depois se não há tempo. O movimento é contínuo, então, no sentido em que o tempo é; pois o tempo é ou o mesmo que o movimento ou uma propriedade dele. Ora, o único movimento contínuo é aquele que pertence ao lugar, e deste apenas o que é circular.

1056. Mas mesmo que exista algo que seja capaz de imprimir ou produzir movimento, mas que não o esteja fazendo atualmente, o movimento ainda não existirá; pois aquilo que tem uma potencialidade pode possivelmente não exercê-la. Portanto, nada se ganha se inventarmos certas substâncias eternas, como fazem aqueles que postulam as Formas separadas, a menos que haja algum princípio entre elas que seja capaz de causar mudança (83). Isto não é suficiente, então, nem é suficiente outra substância além das Formas separadas; pois se ela não age, não haverá movimento eterno.

1057. E mesmo que ela aja, isto ainda não será suficiente, se sua essência é uma potencialidade; pois não haverá movimento eterno, visto que o que é potencial pode possivelmente não ser. Portanto, deve haver um princípio do tipo cuja substância é uma atualidade.

1058. Além disso, tais substâncias também devem ser imateriais; pois elas devem ser eternas se qualquer outra coisa o é. Logo, elas são atualidades.

COMENTÁRIO

2488. Depois de ter mostrado quais são os princípios das substâncias sensíveis, aqui o Filósofo começa a estabelecer a verdade sobre as substâncias imóveis, que são separadas da matéria. Este

tópico é dividido em duas partes. Primeiro (1055:C 2488), ele trata dessas substâncias apresentando sua própria opinião. Segundo, ele as trata apresentando as opiniões de outros pensadores. Ele faz isso no livro seguinte ("Sobre a substância das coisas sensíveis").

A primeira parte é dividida em dois membros. Primeiro, ele prova que existe uma substância que é eterna, imóvel e separada da matéria. Segundo (1067:C 2519), ele investiga os atributos desta substância ("Ora, o primeiro motor").

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, ele prova que uma substância eterna deve existir. Segundo (1059:C 2500), ele lida com uma questão que surge da discussão anterior ("Há uma dificuldade, no entanto"); e terceiro (1064:C 2508), a partir da resposta dada à questão que foi levantada, ele procede para esclarecer uma verdade anteriormente estabelecida ("Portanto, Chaos").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que é necessário postular uma substância eterna. Segundo (1056:C 2492), mostra que tipo de substância ela deve ser ("Mas mesmo que exista").

Ele diz, portanto, em primeiro lugar (1055), que foi apontado acima (1028:C 2424) que existem três classes de substâncias. Duas delas são substâncias naturais, porque sofrem movimento — uma sendo eterna, como os céus, e a outra perecível, como as plantas e os animais. E além dessas, há uma terceira classe, que é imóvel e não natural; e é necessário agora falar sobre esse tipo de substância. Com vistas a investigar esse tipo de substância, é primeiro necessário provar que uma substância imóvel e eterna deve existir. Ele procede da seguinte forma.

2489. As substâncias são o tipo primário de entes, como foi mostrado acima (1024:C 2417-23), e quando as coisas primárias são destruídas, nenhuma das outras permanece. Portanto, se nenhuma substância é eterna, mas todas são perecíveis, segue-se que nada é eterno, mas "todas as coisas são perecíveis", isto é, elas nem sempre existem. Mas isso é impossível. Logo, deve haver uma substância eterna.

2490. Que é impossível que nada seja eterno, ele prova a partir do fato de que o movimento não pode ter vindo a ser ou "perecer", isto é, não pode ter surgido novamente ou em algum momento cessar totalmente de ser. Pois foi mostrado no Livro VIII da *Física* que o movimento é eterno sem qualificação. Também parece impossível que o tempo não seja eterno; pois se o tempo começou a existir em algum momento ou cessará de existir em algum momento, seguir-se-ia que antes do tempo havia o não-ser do tempo, e também que haverá tempo após o não-ser do tempo. Mas isso parece ser impossível, porque não poderia haver antes ou depois se o tempo não existisse, já que o tempo nada mais é do que a medida do antes e do depois no movimento. Assim, seguir-se-ia que o tempo existia antes de começar a ser, e que existirá depois de cessar de ser. Portanto, parece que o tempo deve ser eterno.

2491. E se o tempo é contínuo e eterno, o movimento deve ser contínuo e eterno, porque movimento e tempo são ou a mesma coisa, como alguns afirmaram, ou o tempo é uma propriedade do movimento, como é realmente o caso. Pois o tempo é a medida do movimento, como é evidente no Livro IV da *Física*. No entanto, não se deve pensar que todo movimento pode

ser eterno e contínuo, já que isso só pode ser verdade para o movimento local; e entre os movimentos locais, isso só é verdade para o movimento circular, como é provado no Livro VIII da *Física*.

2492. Mas mesmo que (1056).

Em seguida, ele mostra que tipo de substância essa substância eterna deve ser, e a respeito disso faz três coisas. Primeiro, mostra que para explicar a eternidade do movimento é necessário postular uma substância eterna que está sempre se movendo ou agindo. Ele diz que, uma vez que é necessário, assumindo que o movimento é eterno, que haja uma substância eterna que seja capaz de transmitir ou produzir movimento, também é necessário que este seja um motor ou agente que esteja sempre agindo, porque se fosse "capaz de transmitir ou produzir movimento", isto é, se tivesse o poder de produzir ou causar movimento, e não estivesse realmente fazendo isso, seguir-se-ia que não haveria movimento real. Pois aquilo que tem o poder de causar movimento pode possivelmente não estar causando-o, já que aquilo que tem o poder de agir pode possivelmente não agir; e assim o movimento não seria eterno. Assumindo, então, que o movimento é eterno, é necessário postular uma substância eterna que esteja realmente se movendo ou agindo.

2493. Em seguida, ele conclui disso que nada se ganha ao aceitar a opinião de Platão, que postulou substâncias eternas, já que isso não é suficiente para explicar a eternidade do movimento. Pois a suposição de que existem certas substâncias separadas e eternas não é suficiente para explicar isso, a menos que haja algum princípio entre elas que possa causar mudança; mas isso não parece adequar-se às Formas separadas. Pois Platão afirmava que as Formas separadas nada mais são do que universais existentes apartados da matéria. Mas os universais como tais não causam movimento; pois todo princípio ativo ou motor é uma coisa singular, como foi apontado acima (1053:C 2482). Nem as Formas separadas, portanto, nem quaisquer outras substâncias separadas além das Formas, como as entidades matemáticas separadas postuladas por alguns, são suficientes para explicar a eternidade do movimento, porque mesmo os objetos da matemática como tais não são princípios de movimento. E se não há substância ativa eterna, não haverá movimento eterno, porque o princípio do movimento é uma substância eterna que é um motor ou agente.

2494. E mesmo que (1057).

Segundo, ele mostra que, para que o movimento seja eterno, é necessário não apenas que exista uma substância eterna, que seja um motor ou agente, mas também que sua essência seja uma atualidade. Por isso ele diz que a eternidade do movimento não é adequadamente explicada mesmo que se suponha que uma substância eterna de fato age, mas é potencial em essência. Por exemplo, não seria suficiente sustentar que os primeiros princípios são fogo ou água, como faziam os antigos filósofos da natureza, porque então o movimento não poderia ser eterno. Pois se um motor é tal que sua essência contém potencialidade, ele pode possivelmente não ser, porque tudo o que está em potencialidade pode possivelmente não ser. Portanto, seria possível que o movimento não fosse, e assim ele não seria necessário e eterno. Logo, segue-se que deve haver um primeiro princípio do movimento do tipo cuja essência não está em potencialidade, mas é apenas uma atualidade.

2495. Além disso, tais substâncias (1058).

Terceiro, ele conclui ainda que esse tipo de substância deve ser imaterial. Ele diz que também decorre do que foi dito anteriormente (1055-57:C 2488-94) que substâncias desse tipo, que são os princípios do movimento eterno, devem estar livres de matéria; pois a matéria está em potencialidade. Portanto, elas devem ser eternas se algo mais é eterno, como o movimento e o tempo. Assim, segue-se que elas são atualidades.

2496. Ele conclui dessa forma por último por causa da questão que levantará em seguida. Desse raciocínio, então, é evidente que aqui Aristóteles firmemente pensou e acreditou que o movimento deve ser eterno e também o tempo; caso contrário, ele não teria baseado seu plano de investigar substâncias imateriais nessa convicção.

2497. No entanto, deve-se notar que os argumentos que ele introduz no Livro VIII da *Física*, que ele assume como base de seu procedimento aqui, não são demonstrações no sentido estrito, mas apenas argumentos dialéticos; a menos que talvez sejam argumentos contra as posições dos antigos filósofos da natureza sobre o início do movimento, na medida em que ele visa destruir essas posições.

2498. E além dos outros argumentos que ele não aborda aqui, é evidente que o argumento que ele apresenta aqui para provar que o tempo é eterno não é demonstrativo. Pois se supusermos que em algum momento o tempo começou a ser, não é necessário assumir um momento anterior, exceto no tempo imaginário; assim como quando dizemos que não há corpo fora dos céus, o que queremos dizer com "fora" é meramente algo imaginário. Portanto, assim como não é necessário postular algum lugar fora dos céus, mesmo que "fora" pareça significar lugar, também não é necessário que haja um tempo antes do tempo começar a ser ou um tempo depois que o tempo cessar de ser, mesmo que antes e depois signifiquem tempo.

2499. Mas, ainda que os argumentos que provam que o movimento e o tempo são eternos não sejam demonstrativos e necessariamente conclusivos, as coisas que são provadas sobre a eternidade e imaterialidade da primeira substância seguem necessariamente; pois, mesmo que o mundo não fosse eterno, ainda assim ele teria que ser trazido à existência por algo que existe anteriormente. E se essa causa não fosse eterna, também teria que ser produzida por outra coisa. Mas como não pode haver uma série infinita, como foi provado no Livro II (153:C 301-4), é necessário postular uma substância eterna cuja essência não contém potencialidade e, portanto, é imaterial.